

FRANCISZEK MICEK, C.SS.R.

PE. LUCAS KOCIK, C.SS.R (1932-2008)

VIDA E OBRA DE UM MISSIONÁRIO

1. – *A Vice-Província Redentorista da Bahia (1702)*; 2. – *Pe. Lucas Kocik, CSSR: dados biográficos*; 3. – *Pastoral em Bom Jesus da Lapa (1972-1978)*; 4. – *Bom Jesus da Lapa: administração e primeiras construções* 5. – *Gráfica Bom Jesus*; 6. – *Pe. Lucas Kocik em Salvador (1979-1984)*; 7. – *Pe. Lucas Kocik em Salvador (1988-1992)*; 8. – *Construção do Centro Paroquial em Ondina*; 9. – *Pe. Lucas Kocik escritor, historiador e colecionador. A coleção “Bom Jesus da Lapa”*; 10. – *Elenco das obras literárias do Pe. Lucas Kocik, CSSR*; 11. – *Material recolhido pelo Pe. Lucas (Arquivo da Vice-Província da Bahia)*; 12. – *Pe. Lucas Kocik partiu para a eternidade*; 13. – *Museu do Santuário do Bom Jesus. Memorial Padre Lucas Kocik.*

Pe. Lucas Kocik, é um dos fundadores da Vice-Província Redentorista da Bahia (1702). O mesmo nasceu em 1932, na Polônia. Fez a primeira profissão em 1949 e, concluindo os estudos de filosofia e teologia, em 1956, foi ordenado sacerdote. Exerceu a pastoral paroquial na Polônia (1956-1971) e, no início de 1972, juntamente com três outros confrades, viajou para o Brasil, onde chegou em fevereiro do mesmo ano. Nos primeiros anos da Missão na Bahia, além dos encargos pastorais, era administrador do célebre Santuário do Bom Jesus da Lapa, localizado nas espaçosas grutas rochosas. Dirigiu também várias construções muito importantes em Bom Jesus da Lapa.

A sua habilidade nesse setor foi aproveitada para lhe ser confiada a construção do Centro Paroquial em Ondina (Salvador) – um prédio de quatro pavimentos, com o templo, salões e toda e infra-estrutura da Paróquia.

Seguindo o exemplo de Santo Afonso nosso fundador, Pe. Lucas Kocik “*não perdeu nenhum minuto*”, por isso, à margem dos intensos trabalhos pastorais, das construções, de zelar, durante longos anos, pela Gráfica em Bom Jesus da Lapa, conseguiu contribuir para resgatar, preservar e ordenar muitos documentos re-

ferentes à história do Santuário do Bom Jesus e da Vice-Província da Bahia, editando-os, em forma de uma coleção de vinte e oito volumes destinados, principalmente, para as Bibliotecas e Arquivos da Congregação (em Roma, Varsóvia e na Bahia).

Elaborou e editou também vários livros, brochuras e fascículos de orientação catequética, pastoral e devocional para os peregrinos do Bom Jesus, como também publicações referentes à história do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Admirador e devoto de Santa Terezinha do Menino Jesus, Pe. Lucas escreveu nove volumes sobre a vida e santidade da mesma.

Estas foram as obras visíveis e concretas do nosso confrade falecido que foi, sobretudo, um redentorista zeloso e exemplar, contribuindo muito para a Vice-Província Redentorista da Bahia.

Ativo até último dia, Pe. Lucas faleceu repentinamente, de parada cardíaca, em 2008, mas deixou perpetuado o seu nome graças às múltiplas realizações na construção do Reino de Deus.

1. – A Vice-Província Redentorista da Bahia (1702)

A Vice-Província Redentorista da Bahia foi fundada com o decreto do Governo Geral da CSsR, *Ut promoveatur*, de 8 de dezembro de 1972, como uma nova Região da Congregação, com o nome: Missão Redentorista da Bahia¹. Foram cinco os confrades poloneses² que faziam parte da equipe fundadora, entre os quais estava Pe. Lucas Kocik. Substituindo os confrades holandeses, da Vice-Província de Recife (que trabalharam em Bom Jesus da Lapa nos anos 1956-1972), no dia 1 de janeiro de 1973, os poloneses assumiram a pastoral do Santuário de Bom Jesus da Lapa, uma extensa paróquia missionária e numerosas comunidades rurais, com toda a sua problemática religiosa e social.

Desde 1976, os Redentoristas da Missão da Bahia iniciaram o trabalho pastoral na Capital do estado – Salvador, atendendo à Paróquia da Ressurreição do Senhor, em Ondina, e os bairros periféricos da mesma, entre os quais se destaca a Igreja de São Lázaro, com todas as particularidades e desafios pasto-

¹ Redentoristas da Bahia Cad. Doc. R-6, pág. 18-28.

² Padres: Cyslau (Czesław) Stanula, Lucas (Łukasz) Kocik, Francisco (Franciszek) Deluga, Tadeu (Tadeusz) Mazukiewicz e José (Józef) Danieluk.

rais, oriundos do sincretismo religioso existente. Pe. Lucas Kocik atuou em ambos os campos do apostolado. Posteriormente, os redentoristas assumiram outras frentes missionárias em Salvador e no interior do estado da Bahia. Atualmente, os confrades da Vice-Província da Bahia possuem nove casas religiosas, atendendo santuários, paróquias, missões, seminários, formação de leigos e administração.

Um dos campos principais do trabalho missionário continua sendo o Santuário de Bom Jesus da Lapa. É um lugar singular, muito bonito e original, situado às margens do rio São Francisco. Em amplas grutas naturais, é venerada a imagem Milagrosa do Bom Jesus e a de Nossa Senhora da Soledade. O Santuário existe mais de trezentos anos, atraindo milhares de romeiros de toda a Bahia, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo... No total, são 18 estados brasileiros de onde chegam as romarias organizadas. Durante quatro meses de cada ano (de julho a outubro e em janeiro), chegam centenas de milhares de peregrinos. É o terceiro maior santuário do Brasil, com cerca de dois milhões de peregrinos anuais, atraídos pela bondade do Senhor Jesus e de sua Mãe Maria Santíssima. São, em grande maioria, pessoas pobres, provenientes das comunidades rurais e pequenas cidades, que vêm à procura de conforto religioso para a sua difícil vida.

Os missionários redentoristas atendem o povo peregrino, nesse Santuário, desde o ano 1956. Desta maneira, contribuem para a evangelização dos pobres e abandonados, de acordo com o projeto e o carisma do fundador Santo Afonso de Ligório.

O trabalho missionário e paroquial no sertão baiano e nas favelas urbanas exige muito empenho e precisa de muitos evangelizadores. Para isso, foram fundadas, na Bahia, casas de formação para os futuros missionários redentoristas. Atualmente, ao lado dos redentoristas poloneses, já existe um bom número de confrades brasileiros: sacerdotes, irmãos religiosos e estudantes.³

Para o redentorista, a pregação das missões populares ao povo pobre e humilde é dever principal. Na Vice-Província da Bahia, uma equipe de sacerdotes está engajada, exclusivamente,

³ O estado da Vice-Província da Bahia em janeiro de 2015: Redentoristas da Bahia. Cad. Doc. C-11 pág. 52 ss.

nas missões populares, pregando no estado da Bahia e em outros estados vizinhos. Os demais sacerdotes (ocupados na pastoral paroquial, com a formação de seminaristas, etc.), os ajudam, na medida do possível. O Centro Missionário Redentorista de Salvador, com todo o seu dinamismo, prepara os leigos para o trabalho missionário.⁴ Desta maneira, os redentoristas da Bahia continuam o grande projeto do Fundador da Congregação, que desejou ver os seus filhos espirituais anunciando a Boa Nova aos mais pobres e abandonados.

Após os 20 anos de trabalho apostólico, em 1992, a Região (Missão) Redentorista da Bahia foi elevada ao nível da Vice-Província que, atualmente, conta com 45 confrades professores.

2. – Pe. Lucas Kocik, dados biográficos

Pe. Lucas Kocik nasceu no dia 4 de janeiro de 1932, no sul da Polônia, numa família profundamente religiosa. Começou frequentar a escola primária em 1 de setembro de 1939, no mesmo dia em que os alemães de Hitler invadiram a Polônia, iniciando a II Guerra Mundial. Os sete anos da escola primária foram para ele marcados com muitas dificuldades causadas pela guerra. Mesmo assim, Lucas conseguiu cursar a escola. Terminada a guerra, continuou o estudo médio e, conhecendo já os redentoristas que atendem ao célebre Santuário Mariano em Tuchów, em 1948 ingressou no noviciado da Província de Varsóvia. Em 1949, fez a primeira profissão religiosa e começa os estudos de filosofia e teologia no Seminário de Tuchów. Foi ordenado sacerdote no dia 17 de fevereiro de 1956. Nos anos 1956-1960, trabalhou como capelão do hospital e, a partir de 1971, durante dez anos seguidos, foi administrador da paróquia de Serby (Głogów), levantando das ruínas (causadas pela guerra) o templo e a infra-estrutura paroquial. A pastoral paroquial em Serby foi muito difícil, devido ao deslocamento do povo após a guerra.

Em 1971, Pe. Lucas foi escolhido pelo governo da Província de Varsóvia para a fundação da Missão da Bahia. Chegou ao Brasil no dia 11 de fevereiro de 1972 e, após alguns meses de

⁴ Redentoristas da Bahia Cad. Doc. R-6, pág. 129-159.

estudo da língua portuguesa, viajou para Bom Jesus da Lapa que foi o primeiro campo da sua atuação pastoral e administrativa. Comparando com os outros confrades que formaram a equipe fundadora, Pe. Lucas foi o mais idoso, com cerca de dez anos mais velho que os outros. Mais experiente na pastoral e na administração, gozou, desde o início, de merecida estima. Não chegou a ser Superior da Missão da Bahia ou Vice-Provincial, mesmo assim, devido aos valores espirituais, pastorais e administrativos, marcou, de maneira muito positiva, a história da nossa Unidade. Pe. Lucas fazia tudo por amor a Deus e à Igreja, nunca procurando prestígio, admiração e fama. Para as muitas obras pastorais, administrativas e literais realizadas, Pe. Lucas considerava como o dever do “servo inútil” (Cf. Lc 17,7-10).

Além dos trabalhos pastorais e de outros compromissos, conseguiu contribuir para resgatar, preservar e ordenar muitos documentos referentes à história do Santuário do Bom Jesus e da Vice-Província da Bahia, editando-os, em dezenas de volumes, destinados, principalmente, para as Bibliotecas e Arquivos da Congregação.

Sendo um redentorista genuíno, inteligente, sério, responsável e abnegado, conseguiu realizar o plano de Deus. A nossa Vice-Província não seria o que é, sem a contribuição do Pe. Lucas Kocik!

3. – Pastoral em Bom Jesus da Lapa (1972-1978)

No primeiro período da permanência na Bahia, Pe. Lucas Kocik ficou em Bom Jesus da Lapa. A comunidade redentorista era pequena (5-6 padres), o trabalho pastoral muito grande, tanto no Santuário do Bom Jesus, como na Paróquia urbana e rural.

O mesmo considerou o engajamento pastoral como uma prioridade, por isso, os trabalhos administrativos, mesmo os necessários, ficavam sempre no segundo plano. As comunidades rurais foram atendidas (nos primeiros anos) pelos padres Tadeu Mazurkiewicz e José Danieluk, por isso, Pe. Lucas dedicou-se mais ao trabalho na Lapa, celebrando, pregando, atendendo às confissões, às vezes também preparando adolescentes para a Primeira

Eucaristia.⁵ Em vista da falta de sacerdotes em toda a extensa região, Pe. Lucas viajava muitas vezes para as outras paróquias com o serviço pastoral,⁶ e, em 1975 pregou a Santa Missão na Paróquia de Socorro, na diocese de Barra.

O apostolado principal da comunidade redentorista de Bom Jesus da Lapa é o atendimento a centenas de milhares de peregrinos; povo pobre e abandonado dos imensos sertões nordestinos. O trabalho sacerdotal, nos dias de muita afluência de peregrinos, foi e continua sendo muito intenso; celebrações, pregações, palestras, atendimento às confissões (cerca de oito horas por dia).⁷ Conseguimos realizar o belo trabalho de evangelização graças à união, clima cordial e grande zelo apostólico que reinavam entre os confrades. Pe. Lucas oferecia exemplo e incentivo para toda a Comunidade.

Naqueles primeiros anos do trabalho dos redentoristas poloneses na Lapa, o movimento intenso de peregrinos acontecia, principalmente, nos meses de julho, agosto e setembro. Na outra parte do ano, os romeiros eram poucos, devido à falta de estradas pavimentadas. No tempo das chuvas (outubro-abril) ninguém se arriscava a fazer romaria. Essa temporada foi aproveitada para intensificar o trabalho paroquial.

4. – *Bom Jesus da Lapa: administração e primeiras construções*

Em 1972, os padres poloneses, colaborando com os confrades da Vice-Província Nordestina (Recife) vivenciaram a primeira experiência pastoral na Festa do Bom Jesus, atendendo milhares de peregrinos que vieram para visitar o Santuário por motivo da festa de 6 de agosto.

Logo depois, no dia 9 de agosto, os padres da nascente Missão da Bahia realizaram uma reunião para estabelecer as responsabilidades pastorais e administrativas no vasto campo do Santuário e da Paróquia. Nessa reunião, levando em conta a experiência e habilidade que demonstrou na Polônia, Pe. Lucas foi

⁵ I Crônica da Missão Redentorista da Bahia (I Crôn.MRB), 113

⁶ Por exemplo: Riacho de Santana. Cr. I p. 139, Coribe Cr. II fl. 4.

⁷ F. MICEK, *Missão Redentorista da Bahia*, Salvador 1992, 39 ss.

escolhido para o cargo de ecônomo e administrador do Santuário do Bom Jesus.⁸

O trabalho administrativo em Bom Jesus da Lapa foi muito amplo e desafiador. Basta dizer que o Santuário tinha três fazendas a serem administradas, construções urgentes a serem realizadas, melhoramentos no Santuário muito necessários, etc. Pe. Lucas levava pessoalmente, toda a parte de contabilidade, livros, notas, etc. O Santuário, com as suas fazendas, contava com numerosos funcionários permanentes e muitos outros engajados nas construções. Somente alguém sistemático, dedicado e responsável, como o Pe. Lucas, conseguia realizar o trabalho naqueles tempos iniciais.

Um dos primeiros passos no sentido de melhorar o ambiente do Santuário foi a instalação da nova iluminação e sonorização nas Grutas e na Esplanada do Bom Jesus. O trabalho foi orientado pelo Pe. Olívio Copetti, CSsR, de São Paulo.⁹

*As primeiras construções*¹⁰

Os padres holandeses, preocupados com o estado do prédio do abrigo dos pobres, com a ajuda financeira do exterior, iniciaram, em 1971, a construção do abrigo novo. Por se tratar de um conjunto de prédios, os trabalhos duraram dois anos. Antes da sua saída da Lapa, os confrades holandeses solicitaram, de novo, ajuda financeira na Holanda, para concluir a obra.

A ajuda solicitada para a construção do abrigo chegou no início do ano de 1973, quando a administração do Santuário já fora entregue aos redentoristas poloneses.¹¹ Pe. Lucas Kocik, o ecônomo do Santuário e da Missão da Bahia, engajou-se no prosseguimento e conclusão dos trabalhos do abrigo novo, o que se deu ao longo do ano de 1973.

Posteriormente, foram realizadas no conjunto de pavilhões várias reformas, adaptações e melhoramentos, de maneira que o Abrigo da Lapa acolhe cerca de cinquenta idosos. Desde o ano

⁸ I Crôn. MRB, 38.

⁹ *Ibid.*, 75, 99 e 156.

¹⁰ Noticiário na Missão Redentorista da Bahia (Noticiário) n° 91, 51.

¹¹ I Crôn. MRB, 68.

de 1946, as irmãs Filhas de Caridade (Vicentinas), com muita dedicação, zelam dos idosos do abrigo.

A Casa das Irmãs

A Casa das Irmãs foi uma construção grande e moderna. As irmãs Vicentinas (Filhas de Caridade) chegaram a Bom Jesus da Lapa em 1946, graças ao empenho de Dom João Batista Muníz, CSsR (1901-1977)¹², assumindo a assistência das obras sociais na cidade e responsabilidade pelas escolas da cidade. Trabalhavam também no novo Hospital Carmela Dutra. As mesmas, não tendo a casa própria, moravam no Abrigo dos Pobres, juntamente com os idosos dos quais cuidavam.

Em 1964, os padres redentoristas holandeses começaram a construção da casa para as Irmãs, junto ao Centro Educacional São Vicente. Foi com grande esforço que puderam continuar essa obra. Após quatro anos, em 1968, as religiosas puderam passar para nova casa semi-acabada. A construção foi concluída em 1974, pelo Pe. Lucas Kocik, administrador do Santuário.¹³

A Gruta de N. Sra. da Soledade. Os confrades holandeses que atendiam o Santuário desde o ano 1956 realizaram muitas obras importantes, mas não conseguiram concluí-las. Uma das obras foi a adaptação da gruta da Soledade para o culto religioso. Na grande Gruta de 1.100m², por natureza rasa e disforme, foram realizados (durante 15 anos anteriores) trabalhos da escavação. Na época da chegada dos missionários poloneses a gruta estava escavada, mas ainda sem piso. A conclusão dos trabalhos, com a colocação do piso, foi um dos primeiros trabalhos realizados sob a administração do Pe. Lucas Kocik.¹⁴

Construção da Capela de Santa Luzia. No início dos anos setenta, junto ao cemitério da cidade, existia uma ruína da centenária capela de Santa Luzia que já não podia ser usada para o culto. Como a mesma foi construída de adobe, não podia ser consertada. Em vista dessa situação, Pe. Lucas Kocik, de acordo com o parecer de D. José Grossi, bispo diocesano, desenhou o projeto e, aproveitando os mesmos alicerces, construiu uma bela

¹² Cf. Redentoristas da Bahia – Caderno Documentário R-4, (Cad. Doc. R-4) 76-110.

¹³ L. KOCIK, *Tome a sua cruz*, Salvador 1981, 75.

¹⁴ I Crôn. MRB, 83.

capela nova, de alvenaria. O início da construção se deu em dezembro de 1975 e, em poucos meses, a mesma foi inaugurada para a alegria dos paroquianos.¹⁵

No tempo da administração do Pe. Lucas, para atender às comunidades rurais, foram adquiridos carros apropriados (os jeep), eficientes nos caminhos da mata, e uma lancha veloz, para quatro pessoas, a fim de atender a numerosas comunidades rurais, na beira do rio São Francisco. Foi adquirida também uma pequena lancha (para duas pessoas) de motor, com a finalidade de pescar nas lagoas da fazenda Machado que, nos anos setenta e oitenta, tinha peixes em grande quantidade.¹⁶

A construção da Casa do Santuário (a residência da comunidade redentorista) teve início em setembro de 1975. O projeto arquitetônico da casa foi elaborado pelo eng. Dr. João Evangelista Gonçalves Bordallo, de Salvador, que também acompanhou à construção. Durante os primeiros meses, Pe. Lucas Kocik dirigiu a obra e somente em dezembro, foi contratado um mestre-de-obra (João Sertão) que acompanhava a construção, sempre com atenta supervisão do Pe. Lucas.¹⁷

A grande obra da construção foi conduzida pelos padres Lucas Kocik e Ceslau Stanula. O primeiro zelou mais pela qualidade da obra, pela perfeição em executar os trabalhos; o segundo foi responsável pelos recursos financeiros para a compra de material e pagamento dos trabalhadores. Em perfeita colaboração entre ambos, a obra (na época, a maior em Bom Jesus da Lapa), foi executada em três anos. Numerosos homens da cidade aprenderam a profissão de pedreiro, encanador e outras. Pe. Lucas ficava feliz em poder contribuir para o progresso profissional e social dos moradores da Lapa.

Pe. Lucas Kocik teve uma ampla e corajosa visão da situação social. Com a finalidade de melhorar as condições de moradia das famílias pobres, Pe. Lucas, por intermédio do habilidoso inventor, Ir. Urbano Döderlein de Win, CSsR, da Vice-Provincia Recife, e de uma equipe de Campina Grande-PB, adquiriu a má-

¹⁵ I Crôn. MRB, 132 e 175.

¹⁶ Noticiário, n° 92, 50-59.

¹⁷ *Ibid.*, 54-59.

quina de fazer blocos e promoveu a construção das casas populares, beneficiando muitas famílias carentes.¹⁸

As fazendas

Ao contrário dos confrades holandeses que, nos anos anteriores administraram as fazendas do Santuário, os poloneses, não tinham nem experiência nem habilidades para se dedicarem a esse tipo do trabalho. O engajamento do ecônomo Pe. Lucas Kocik, nesse setor, foi uma necessidade. Como todos os outros encargos, o mesmo assumiu essa obrigação com muita responsabilidade e dedicação. No início dos anos setenta, as fazendas eram extensas, com agricultura e pecuária exemplares. Eram três fazendas pertencentes ao Santuário em Bom Jesus da Lapa.¹⁹

Fazenda Consolação, antigo “Sítio do Recreio”, sítio do Santuário desde 1895. Foi movimentada pelos Redentoristas para fornecer os gêneros alimentícios em benefício do Abrigo dos Pobres. A partir de 1960, funcionava como fazenda e, em 1963, foi construída, no local, a residência para o supervisor das fazendas do Santuário. Possuindo lagoas, uma cisterna e olaria, foi aos poucos enriquecida com estábulo, curral, lavanderia e depósitos com carpintaria e as máquinas para beneficiamento de cereais. Os confrades holandeses administraram as fazendas com muita capacidade e dedicação.

Fazenda Machado, outra fazenda do Santuário, adquirida por Pe. Victor Rodrigues, CSsR, é um terreno muito baixo na beira do rio São Francisco, antigamente invadida, todos os anos, pelas águas que deixavam grandes lagoas. As quatro casas confortáveis para os moradores e casa de campo para padres e religiosos que trabalham em Bom Jesus da Lapa são obra do Irmão Leopoldo Goldenwijk, redentorista holandês, que as executou desde a planta até ao acabamento.²⁰

Já em outubro de 1973, no primeiro ano da administração do Pe. Lucas, foi feita a escavação de uma valeta de ligação de uma das lagoas da fazenda Machado com o rio São Francisco. No tempo das chuvas, quando sobe o nível da água do rio, a lagoa poderia ficar

¹⁸ II Crôn.MRB, fl. 5.

¹⁹ L. KOCIK, *Tome a sua cruz*, 66.

²⁰ Em previsão das enchentes, a casa foi construída de cimento armado desde os alicerces até a estrutura do telhado. Na grande enchente de 1979 a casa ficou por um mês dentro da água até o teto e não sofreu danos.

cheia, para a utilidade da fazenda durante os meses de seca. A valeta, de umas centenas de metros de comprimento e 1 m de profundidade, foi um dos primeiros projetos inovadores do Pe. Lucas no setor das fazendas.²¹

Fazenda Santa Clara foi a terceira fazenda ligada ao Santuário, mas era da propriedade da Congregação Redentorista da Vice-Província Nordestina. Essa fazenda, por ser supletiva das outras duas, em 1979, passou a ser propriedade do patrimônio do Santuário, sendo comprada da Congregação (da Vice-Província Nordestina) por Dom José Nicomedes Grossi, bispo diocesano de Bom Jesus da Lapa.

As fazendas, além de ajudarem na manutenção das obras sociais do Santuário como Abrigo dos Pobres, Creche, etc., serviam, na época, como escola de aprendizagem agrícola e pecuária.

Nas fazendas criavam-se cerca de quatrocentas cabeças de gado. Precisava realizar vacinas, zelar pelos animais, o que não foi fácil, pois as duas fazendas maiores eram distantes cerca de 20 km da Lapa, de estrada péssima, no tempo “das águas”, intransitável.²²

Houve problemas com a invasão da Prefeitura no terreno do Santuário nas proximidades da Cidade. Foi necessário recorrer à Justiça. Tudo isso criava tensão, dificultando o trabalho administrativo e pastoral.²³

Pe. Lucas conduziu a administração das fazendas nos primeiros anos da Missão Redentorista da Bahia, mesmo que seu campo administrativo fosse muito amplo.

*Abrigo Velho em Bom Jesus da Lapa*²⁴

O antigo prédio “*Escola-Asilo*”, situado na cidade de Bom Jesus da Lapa, foi construído pelo Santuário, por ordem da Arquidiocese da Bahia. A obra foi iniciada em 1895.

²¹ I Crôn. MRB., 90.

²² *Ibid.*, 97.

²³ *Ibid.* 99.

²⁴ Noticiário, n° 95, 37. Cf. site: *Monumentos Históricos de Bom Jesus da Lapa*.

²⁴ Apesar do arquiteto e construtores de muito renome, o prédio construído no terreno arenoso, tinha alicerces fracos, de maneira que, após algumas dezenas de anos, as paredes grossas apresentavam rachaduras e foi impossível a sua recuperação.

Essa foi, na época, a maior e mais importante construção civil de todo o Vale do Rio São Francisco. Foi projetado pelo engenheiro espanhol Adolfo Morales de Los Rios (1858-1928)²⁵, residente em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, por encomenda expressa de Dom Jerônimo Tomé da Silva (1849-1924).²⁶

O construtor desse prédio do Abrigo (ou seja, Escola-Asílo) foi Manoel Calvet Bonet, também espanhol e residente em Niterói.

Essa enorme construção foi erguida de pedra e cal. Popularmente foi chamada “Abrigo Velho”, uma vez que, a partir do ano de 1938, servia como abrigo para os pobres de Bom Jesus da Lapa e os vindos da região. A partir de maio de 1946, o Abrigo dos Pobres foi entregue aos cuidados das Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo, onde as mesmas residiram e ensinaram.

Infelizmente, em 1969, devido a grandes estragos e perigosas rachaduras nas paredes do antigo prédio do Abrigo, os padres redentoristas holandeses da Vice-Província de Recife, derubaram toda a parte da frente do velho abrigo, aproveitando a pedra para a construção de um novo abrigo, mais adequado e confortável. Assim foi destruída a fachada desse prédio histórico com a capela e enfermaria.

No início dos anos setenta do séc. XX, o prédio se achava num estado muito precário e, essa situação, para o Pe. Lucas como administrador, foi uma constante preocupação para que o mesmo pudesse ser restaurado, quanto antes. Sendo um prédio de grande tamanho e de bela estrutura, como um dos principais marcos da história de Bom Jesus da Lapa, devia ser recuperado para servir como museu do Santuário, da Cidade e de toda a região sanfranciscana.

No prédio, encontravam-se ainda algumas peças antigas e os objetos usados antigamente no Santuário. Quase todos eles estavam danificados, ou inúteis, espalhados por todo canto. Querendo salvar o que ainda restava, Pe. Lucas juntou tudo o que foi possível achar para, posteriormente, abrir o museu em Bom Jesus da Lapa.

²⁵ O mesmo que projetou e construiu o belíssimo prédio da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁶ Noticiário, n°95, 37-39. Cf. Arquivo V-P BA, Volumosa pasta. Pe. L.K.: Museu (Abrigo Velho).

Para guardar as peças, Pe. Lucas procurou preservar pelo menos uma parte do prédio, para evitar a destruição. Depois de transferir os velinhos para o abrigo novo, o Pe. Lucas mandou reforçar as paredes, armando as rachaduras com vergalhões e concreto. Até o ano de 1979, conseguiu armar e rebocar as paredes, cobrindo o prédio com “brasilit”, forrar as salas e colocar as peças museais que lhe foram possíveis achar. Deixando o cargo de administrador, o Pe. Lucas foi transferido para Salvador. Anos depois, o mesmo continuou a luta por salvar o prédio, mas sem efeito.

5. – *Gráfica Bom Jesus*

Origens da Gráfica Bom Jesus. O superior da Missão da Bahia, Pe. Ceslau Stanula, em 1976, acertou a compra das antigas máquinas gráficas da editora redentorista de Aparecida.²⁷ Pe. Lucas se engajou, com muito entusiasmo e dedicação, vendo nesse investimento um meio poderoso de evangelização. O início do funcionamento da Gráfica Bom Jesus se deu em meados de julho do mesmo ano.²⁸ Foi a primeira gráfica da cidade da Lapa. As primeiras impressões realizadas na gráfica foram folhetos instrutivos para os romeiros do Bom Jesus, os folders vocacionais e, posteriormente, pequenos livros e brochuras da sua autoria, muito úteis para os peregrinos do Bom Jesus.²⁹ Enquanto esteve em Bom Jesus da Lapa, Pe. Lucas zelou pela gráfica. A partir do ano 1978, morando já em Salvador, fazia algumas edições de brochuras na gráfica Bom Jesus, enquanto Pe. Ceslau Stanula tomava conta do trabalho de desenvolvimento da mesma.

Retornando para Bom Jesus da Lapa, em abril de 1984, Pe. Lucas Kocik assumiu a função de diretor da Gráfica Bom Jesus. Mesmo em condições financeiras muito reduzidas, ele procurou modernizá-la, pois as máquinas gráficas antigas, com o sistema inventado por Gutemberg, não funcionavam devidamente. Ele mesmo vai dizer, referindo-se aos volumes históricos que começou a editar na Gráfica Bom Jesus: «Na época, na Lapa

²⁷ I Crôn. MRB, 167.

²⁸ Origens da Gráfica – Cf. Noticiário, nº 14, 20-22.

²⁹ II Crôn. MRB, fl. 15.

nem se podia sonhar com um computador. Nesta cidade, ainda nem era conhecido. Por isso, os primeiros volumes saíram da nossa manufatura com aspecto tão horroroso, que até pode causar vergonha».³⁰

Com a intenção de melhorar a qualidade dos trabalhos gráficos, foi adquirida uma impressora off-set. Devido aos poucos recursos econômicos, foi comprada uma impressora usada.³¹ A impressora e outros materiais gráficos chegaram em agosto de 1984 e logo veio um instrutor, para fazê-la funcionar e para treinar os funcionários.

A máquina impressora, já velha, um mês após, precisava ser levada a Salvador (820 km) para ser consertada.³² Funcionou depois durante algumas semanas e entrou em curto circuito, causando um pequeno incêndio, mas, felizmente foi dominado sem causar maiores prejuízos.³³

Levar adiante a Gráfica, nas condições de falta de recursos e distância de grandes centros urbanos, foi uma tarefa muito difícil que somente os abnegados entusiastas puderam realizar. Pe. Lucas Kocik foi o grande entusiasta do trabalho gráfico e não desanimava com os múltiplos desafios. Funcionando na cidade-santuário, a gráfica teve muita utilidade no sentido de evangelização. Mesmo enfrentando grandes obstáculos, Pe. Lucas conseguiu elaborar e editar considerável número de livros populares, brochuras, etc.³⁴

Como é óbvio, o engajamento do Pe. Lucas na Gráfica ficou sempre à margem do trabalho pastoral no Santuário e na Paróquia, como, por exemplo, a pregação da Novena de Nossa Senhora da Conceição em 1986.³⁵

Houve problemas com os trabalhos gráficos clandestinos, feitos pelos empregados para o seu próprio proveito. Assim, por exemplo, na ausência do Pe. Lucas, antes da Festa do Bom Jesus em 1985, os empregados imprimiram a propaganda de uma sei-

³⁰ Lucas KOCIK, *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, Salvador 2006, 6.

³¹ III Crôn. MRB, fl. 19.

³² *Ibid.*, fl. 32.

³³ *Ibid.*, fl. 40.

³⁴ Cf. Elenco das obras literárias, 36.

³⁵ III Crôn. MRB, fl. 196.

ta: Igreja Cruzada Pentecostal, que chegou a Lapa para “converter” os romeiros, em detrimento da Igreja Católica. Os mesmos não viam nisso nenhum inconveniente...³⁶

Houve outras dificuldades, causadas por exploradores, gente sem consciência, que mandaram fazer serviços gráficos, mas nunca pagaram pelo papel e pelo trabalho realizado.³⁷

A Gráfica funcionou no prédio do antigo Asilo de Pobres, um edifício abandonado, que não garantia segurança. Pensando no futuro, os padres dirigiram um pedido oficial ao bispo diocesano D. José Nicomedes Grossi, solicitando a doação de um pequeno terreno, no centro da cidade, para a futura construção da Gráfica Bom Jesus. D. José, em nome da Mitra Diocesana, entregou o título de propriedade aos redentoristas, aprovando esta ideia.³⁸

Em 1988, Pe Lucas Kocik foi transferido novamente para Salvador, realizando, a partir do ano 1989, a grande e difícil obra da construção do Centro Paroquial, em Ondina.

A Gráfica Bom Jesus foi conduzida por outros padres, e modernizada, na medida dos reduzidos recursos econômicos. Mesmo assim, quando em fevereiro de 2002, foi realizada a visita canônica do Governo Geral (Padres Stanisław Wróbel e Serafino Fiore) à nossa Vice-Província, entrando na Gráfica, o Pe. Fiore exclamou: “Milagre! Museu está funcionando!” Realmente, estavam ainda em pleno uso as máquinas gráficas que, em outros lugares mais desenvolvidos, já tinham sido descartadas.

6. – Pe. Lucas Kocik em Salvador (1979-1984)

Paróquia da Ressurreição em Salvador. Os redentoristas poloneses assumiram a Paróquia da Ressurreição do Senhor em fevereiro de 1976.³⁹ No ano de 1979, a comunidade redentorista em São Lázaro, em Salvador, era composta de três membros: Pe. Tadeu Mazurkiewicz (superior e pároco) Pe. Lucas Kocik e Pe. Francisco Deluga, atendendo pastoralmente a paróquia de On-

³⁶ *Ibid.*, fl. 100.

³⁷ *Ibid.*, fls. 32, 59, 104.

³⁸ *Ibid.*, fl. 56.

³⁹ Ereção da Paróquia da Ressurreição – Noticiário, nº 16, 18-21.

dina, a Igreja de São Lázaro e, como experiência temporária, a célebre Basílica-Santuário de Senhor do Bonfim.⁴⁰ Nas proximidades da Basílica não havia nenhum alojamento para os redentoristas, por isso, os padres Francisco e Lucas atendiam a pastoral de Bonfim morando na igreja de São Lázaro (distante uns 10 km). O trabalho pastoral foi intenso, principalmente em janeiro, por ser o mês de festejos do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora da Guia (na mesma basílica) e também de São Lázaro, no seu Santuário.

A principal responsabilidade pastoral da comunidade redentorista foi o atendimento a Paróquia da Ressurreição do Senhor, no bairro de Ondina, com várias comunidades periféricas (favelas). Não existia, na paróquia, a igreja matriz. As celebrações eram realizadas numa capela provisória, adaptada na garagem do Colégio ISBA⁴¹. Na capela cabiam cerca de 120 pessoas.

Desde o início da sua atividade pastoral na Paróquia de Ondina⁴², os redentoristas procuraram resolver o problema do terreno para a construção da matriz. Pe. Lucas, com sua habilidade e persistência, se empenhou nesta batalha que durou mais de dez anos.⁴³

Com as férias do Pe. Tadeu Mazurkiewicz, na Polônia e compromissos pastorais do Pe. Francisco Deluga, em Bonfim, o atendimento à paróquia de Ondina ficou sob a responsabilidade do Pe. Lucas. O mesmo ajudava nas celebrações em Bonfim às sextas-feiras, quando a participação do povo era maior. Neste período, a Basílica do Bonfim, celebrou o 225º aniversário da fundação, por isso os dois padres tiveram mais trabalho.⁴⁴

Nesse ínterim, a cidade e a região de Bom Jesus da Lapa foram atingidas pela calamidade pública da enchente do rio São Francisco, deixando 15 mil desabrigados.⁴⁵ Os padres da Comu-

⁴⁰ Cad. Doc. R-5, 38-47. Noticiário, nº 1 (janeiro-março de 1979), 17.

⁴¹ Instituto Social da Bahia – fundado em 8 de março de 1964, dirigido pelas Irmãs Franciscanas do Coração de Maria.

⁴² A tomada de posse: 8 de fevereiro de 1976. Cf. II Crôn. MRB. fl. 5. Cad. Doc. R-5, 27-37.

⁴³ Noticiário, nº 1, 20.

⁴⁴ *Ibid.*, nº 2, 15.

⁴⁵ Cf. II Crôn. MRB. fls. 69-91.

nidade São Lázaro organizaram a coleta de donativos para socorrer os desabrigados. Recolheram, na igreja de São Lázaro, mais de 200 volumes grandes de roupa usada e uma considerável soma de dinheiro. Os confrades da Lapa organizaram a distribuição dos donativos.⁴⁶

Na pastoral paroquial de Ondina, com suas favelas (Alto da Sereia, Baixa da Alegria, Corte Grande, Alto da Alegria e la-deira de São Lázaro) foram organizadas celebrações e a catequese com a colaboração das irmãs religiosas.

Completando o ano de experiência em Bonfim, era necessário tomar a decisão, de continuar esse trabalho pastoral, ou não.⁴⁷ O povo elogiava o engajamento pastoral dos redentoristas na Basílica do Bonfim, enquanto a Devoção (Irmandade do Bonfim), proprietária do templo e de suas adjacências, “petrificada” em suas tradições seculares, estava desconfiada de que os redentoristas iriam introduzir novo estilo da pastoral, baseado no Plano Pastoral da Arquidiocese de Salvador. A Irmandade queria conservar os costumes imutáveis. Mas, com a reforma pós-conciliar as mudanças foram necessárias.⁴⁸

A experiência pastoral dos redentoristas na Basílica do Senhor do Bonfim prolongou-se por mais um ano. Pe. Francisco Deluga, com a saúde debilitada, viajou de férias para a Polônia e o Pe. Lucas continuou atendendo o Santuário. Foram realizados vários encontros com D. Avelar Brandão Vilela (1912-1986) – Arcebispo de Salvador, para falar a respeito da permanência dos redentoristas em Bonfim. D. Avelar, consciente da importância da atividade pastoral dos redentoristas neste célebre santuário baiano, insistia para que os padres continuassem atendendo a Basílica.⁴⁹

Entretanto, a Igreja de São Lázaro (construída em 1737) precisava de constantes reparos e melhoramentos. No ano 1980, foram renovados os três altares.⁵⁰

Com o empenho decisivo do Pe. Lucas Kocik, foi comprada, pelo governo da Missão da Bahia, uma casa no bairro dos

⁴⁶ Noticiário, n° 2, 16.

⁴⁷ *Ibid.*, n° 4, 7.

⁴⁸ *Ibid.*, n° 2, 20.

⁴⁹ *Ibid.*, n° 6, 25; Cad. Doc. R-5, 38-47.

⁵⁰ Noticiário, n° 7, 18.

Barris, em Salvador, para o Seminário Maior Redentorista. O superior da Missão, Pe. Tomás Bulc, encaminhou a transferência dos seminaristas baianos das Casas de Formação da Província de São Paulo para Salvador. Nos meses de preparativos para a abertura do ano acadêmico de 1981, Pe. Lucas zelou pela casa, comprando os primeiros livros e móveis para o futuro Seminário.⁵¹ No fim do ano 1980, foi realizada a primeira reforma da casa, pela equipe de Bom Jesus da Lapa, sob a orientação do Pe. Casimiro Zymuła, CSsR.⁵²

Analisando a situação, a Assembleia da Missão da Bahia decidiu a retirada dos padres da Basílica do Bonfim. O motivo principal foi a falta de padres para atender a todas as frentes de trabalho pastoral. Com a abertura do Seminário e ingresso na formação de dois padres, não foi possível continuar no Bonfim.

Em 1981, a Paróquia da Ressurreição do Senhor e as Comunidades Redentoristas de São Lázaro e de São Clemente (Seminário) festejaram o Jubileu de Prata Sacerdotal do Pe. Lucas Kocik.⁵³ Nos primeiros meses de funcionamento do Seminário, Pe. Lucas fazia palestras para os oito seminaristas (filosofia e teologia) da Comunidade. Em maio de 1981, Pe. Lucas viajou de férias a Polônia.

Como vimos, a abertura da Casa de Formação em Salvador enfraqueceu a Missão, quanto ao número de missionários que atendiam a pastoral paroquial. Como resultado, Pe. Lucas Kocik ficou sozinho na “Comunidade” de São Lázaro. Os padres e os formandos do Seminário ajudavam nas celebrações, mas todo o peso do trabalho pastoral e administrativo ficou com o Pe. Lucas.⁵⁴

O mesmo percebeu a urgência da reforma da Igreja de São Lázaro, que estava com telhado muito deteriorado. Foi uma equipe de trabalhadores de Bom Jesus da Lapa, sob a orientação do “engenheiro nato” – Pe. Casimiro Zymuła, CSsR – que rete-
lhou a igreja.

O trabalho pastoral na igreja de São Lázaro enfrentava situações difíceis e esgotantes. Na época da festa de São Roque, o

⁵¹ Cad. Doc. R-5, 48-62.

⁵² Noticiário, n° 8, 17.

⁵³ *Ibid.*, n° 10, 13-14.

⁵⁴ *Ibid.*, n° 13, 12.

segundo padroeiro da igreja, celebrado em 16 de agosto, o movimento profano de barracas de comida, bebida, jogos, música ensurdecidora, batucada, gritaria de bêbados, foguetes, etc. se estendia, por várias semanas, à tarde e às altas horas da noite. Para os padres, que moram no coro da igreja, tornava-se impossível o recolhimento e descanso. Já no fim dos anos setenta foi assim,⁵⁵ e continua, através das dezenas de anos, até os tempos atuais. Nos dias festivos, a igreja fica lotada pelos devotos; é uma verdadeira romaria do povo baiano.

No início de cada ano, Pe. Lucas visitava todas as escolas no território da paróquia para entrar em contato com os diretores e professores, e introduzir a catequese das crianças e adolescentes. No decorrer do ano, repetia as visitas, ele mesmo e os padres do Seminário São Clemente, e, aproveitando a boa vontade da direção dos estabelecimentos educacionais, realizavam palestras e celebrações para os alunos. No ano de 1982, na Paróquia de Ondina, foram criados vários grupos pastorais. Com o empenho do grupo eclesial “Repartir”, foi habilitada uma creche para crianças das famílias pobres.⁵⁶

Em meio à intensa atividade pastoral, Pe. Lucas não devia esquecer o desafio criado com a aquisição do título da propriedade do terreno para a construção da matriz.⁵⁷

Durante um ano e meio, na igreja de São Lázaro, residia apenas um sacerdote – Pe. Lucas. Os padres do Seminário (Tadeu Pawlik e Francisco Micek) realizavam celebrações litúrgicas na Paróquia; nos bairros periféricos, os seminaristas organizavam catequese, culto dominical, etc. No entanto, a responsabilidade pastoral e administrativa ficava com o Pe. Lucas.

No início do ano 1983, tomou posse na Paróquia da Ressurreição do Senhor, em Ondina, o novo pároco, Pe. Francisco Deluga, tendo Pe. Lucas Kocik como vigário cooperador. Pe. Francisco foi também nomeado superior da comunidade redentorista.⁵⁸

Com dois padres na paróquia, foi possível intensificar a pastoral. Assim, surgiu o movimento de ECC (Encontro de Ca-

⁵⁵ *Ibid.*, n° 15, 23.

⁵⁶ *Ibid.*, n° 15, 25.

⁵⁷ *Ibid.*, n° 15, 26.

⁵⁸ *Ibid.*, n° 17, 11.

sais com Cristo) que, futuramente, daria muita vitalidade à comunidade paroquial.

O ano 1983 foi tempo especial para a Arquidiocese de Salvador, com os festejos do 50º aniversário do célebre Congresso Eucarístico Nacional, realizado nessa cidade (1933-1983). Foi bem organizado o Congresso Eucarístico Arquidiocesano, em Salvador. Cabe lembrar que, na Igreja Católica, foi proclamado o Ano Jubilar (dos 1950 anos) da Redenção. Em todas as paróquias da Arquidiocese foi realizado movimento missionário. Os missionários redentoristas do Brasil deram a sua contribuição na organização das Santas Missões. Na prática, isso significava a necessidade de redobrar o trabalho pastoral na Paróquia de Ondina dos dois padres de São Lázaro, com a ajuda do Seminário.⁵⁹

Foram acrescentadas na Paróquia várias celebrações semanais: surgiram movimentos eclesiais e, sendo redentoristas, encaminhavam treinamento dos leigos para a evangelização das famílias, como início da Santa Missão.

O Colégio do ISBA construiu uma ampla capela escolar e a comissão paroquial entrou em contato com as irmãs para que a mesma pudesse ser utilizada como matriz provisória. A Paróquia se comprometeu para comprar os bancos maciços (cada um para 10 a 12 pessoas).⁶⁰ Na Páscoa do ano 1983, a capela foi inaugurada; fato muito oportuno, em vista das Santas Missões, pois ofereceu à comunidade paroquial um local espaçoso.⁶¹

Assim, como Pe. Lucas Kocik tinha editado um pequeno livro sobre São Lázaro, padroeiro principal do Santuário, também para a festa patronal de São Roque, celebrada no dia 16 de agosto, na Igreja de São Lázaro, preparou outro pequeno livro, apresentando a vida e a santidade do segundo padroeiro desse Santuário, tão venerado pelo povo baiano. As publicações foram muito oportunas, pois no ambiente afro-brasileiro, São Lázaro é identificado como o orixá africano Omulu e São Roque como Obaluaé. Os católicos precisavam conhecer a verdadeira história dos santos de sua veneração.⁶²

⁵⁹ *Ibid.*, n° 17, 13.

⁶⁰ *Ibid.*, n° 17, 14.

⁶¹ *Ibid.*, n° 18, 14.

⁶² *Ibid.*, n° 19, 21.

A Comunidade Redentorista recebeu a visita do Provincial de Varsóvia – Pe. Andrzej Rębacz. O mesmo ficou impressionado com a precariedade da moradia dos padres. Cabe esclarecer que, no longo coro lateral da igreja, foram feitas apenas divisões com chapa duratex, de maneira que cada morador tinha seu próprio “quarto”, onde cabia a cama o guarda-roupa (emprestado do seminário da Arquidiocese) e pequena mesa com cadeira.⁶³ Pe. Joseph Pfab, Superior Geral da Congregação, na sua passagem no início de setembro de 1984, constatou que a moradia de São Lázaro era a mais pobre do mundo redentorista.

Os confrades, absorvidos no trabalho pastoral, sempre contando com poucos recursos financeiros, nem se preocuparam com isso. Houve, naqueles tempos, muita abnegação e espírito de pobreza evangélica entre os redentoristas da Bahia.

Pe. Lucas ficou trabalhando na Paróquia de Ondina até abril de 1984. Nos quatro anos posteriores, dedicou-se à pastoral do Santuário de Bom Jesus da Lapa e a muitos outros afazeres paralelos, como veremos em outro capítulo.

7. – Pe. Lucas Kocik em Salvador (1988-1992)

Em fevereiro de 1988, Pe. Lucas retornou a Salvador, assumindo, de novo, a pastoral paroquial em Ondina, como vigário cooperador. Finalmente, a longa história da luta pelo terreno para a construção da matriz chegava à feliz solução.⁶⁴ O problema consistia na solicitação da permuta dos terrenos. A Mitra Arquidiocesana possuía um terreno reservado para construção da igreja em Ondina, situado na Avenida Oceânica. Mas, tanto as autoridades arquidiocesanas como os redentoristas achavam aquela localização inadequada para a matriz, por isso, solicitaram, junto à Reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA), uma permuta por outro lote. O “interminável” impasse foi superado, quando Pe. Ceslau Stanula – pároco de Ondina – e o Conselho Paroquial tomaram a decisão de desistir da permuta e construir o templo no terreno da Mitra Arquidiocesana, reservado para essa finalidade.

⁶³ *Ibid.*, n° 19, 24.

⁶⁴ *Histórico do terreno para a construção: 25 Anos da Paróquia da Ressurreição do Senhor*, Salvador 1991, 39-40.

8. – Construção do Centro Paroquial em Ondina

Quanto às construções realizadas, como vimos, a grande obra do Pe. Lucas (com a cooperação permanente do Pe. Ceslau Stanula) foi a construção da casa do Santuário do Bom Jesus - a moradia da comunidade redentorista que atende a esse lugar de peregrinações.

A outra obra importante foi a construção do Centro Paroquial com a Igreja da Ressurreição do Senhor, no bairro de Ondina em Salvador.⁶⁵ Pe. Ceslau Stanula, CSsR, pároco (1984-1989) deu os primeiros passos para iniciar a obra.⁶⁶

Entrementes, em agosto de 1989. Pe. Ceslau Stanula foi nomeado bispo diocesano de Floresta-PE, ordenado no dia 5 de novembro do mesmo ano, assumindo aquela diocese no dia 19 do mesmo mês.⁶⁷

Pe. Lucas Kocik que, no passado, já tinha dado provas de grande capacidade e eficiência no setor das construções, foi nomeado pelos superiores a assumir a direção da obra.

Levando em conta o ambiente religioso e social da Paróquia de Ondina, com a população de médio nível aquisitivo no centro e várias favelas adjacentes, a realização da obra parecia uma utopia. A maioria dos paroquianos teve pouco contato com a comunidade eclesial, por isso, não demonstrava interesse pela construção da Igreja Matriz no bairro.

Nesta situação, a escolha do Pe. Lucas para a realização da obra foi providencial, pois, dotado da sabedoria, senso prático e persistência, pôde conduzir, com eficiência, os trabalhos durante os anos 1989-1992.

O terreno movediço de beira-mar e as chuvas frequentes dificultaram a fundação dos alicerces do prédio de quatro pavimentos: (1) salão – auditório; (2) a própria igreja; (3) salão social de festas e (4) várias salas para as pastorais, catequese, etc. Houve muitos contratemplos, causados pelo desabamento das escavações e alagamento devido às chuvas persistentes, etc.

⁶⁵ *25 Anos da Paróquia*, 25.

⁶⁶ *Histórico do Centro Paroquial em Ondina*, 39.

⁶⁷ *Noticiário*, nº 33, 4-34.

No início, contando com poucos recursos financeiros, Pe. Lucas contratou apenas quatro pedreiros do bairro de Amaralina, em Salvador, trazendo-os diariamente de carro para o trabalho e levando-os de volta.

Quando a obra foi iniciada, retornou ainda o problema jurídico do terreno da construção, pois a Universidade Federal de Salvador, proprietária do terreno vizinho, reivindicava, indevidamente, o direito da posse em que a construção foi realizada. Com a assessoria dos advogados, o impasse foi superado, de maneira que, de uma vez para sempre, foi resolvido o direito da posse da Mitra Arquidiocesana de Salvador.

O maior desafio da construção do Centro Paroquial foi a falta de recursos financeiros. Por isso, Pe. Lucas solicitava ajuda financeira do exterior, como a dos redentoristas da Província de Roma, tornando-se uma injeção financeira importante no prosseguimento da obra.

Com o intenso trabalho pastoral realizado na comunidade eclesial e com o crescimento da obra do Centro Paroquial, alguns paroquianos ficaram entusiasmados com a perspectiva de possuir, no seu bairro, uma bela igreja matriz e, pouco a pouco, se engajavam na colaboração financeira.

Mas não faltaram momentos angustiantes e desanimadores. Assim, por exemplo, um homem conhecido do Pe. Lucas, prometeu dar dinheiro para comprar 50 sacos de cimento para a obra. O padre foi ao seu encontro, lembrando desse compromisso. O homem preencheu o cheque, jogou na mesa, dizendo: “Tome e suma da minha frente. Desde hoje não sou mais católico!”⁶⁸

A construção continuou sem parar, pois, além de solicitações de ajuda financeira no exterior, a Equipe de Eventos da Paróquia conseguiu arrecadar algum dinheiro, e, em janeiro de 1992, foi feita a terceira laje do prédio.

Para não paralizar a construção, Pe. Lucas Kocik pediu a D. Ceslau Stanula, CSsR, bispo de Floresta-PE, empréstimo de U\$A 3.000,00⁶⁹. Foi também feito um pedido de ajuda finan-

⁶⁸ Arquivo da Vice-Província da Bahia, Pe. Lucas KOCIK, *Ondina*, 35

⁶⁹ *Ibid.*, 40.

ceira à Adveniat. Após alguns meses, recebeu a soma de U\$A 17.000,00 que permitiu o prosseguimento da obra.⁷⁰ Do Governo Geral em Roma, por intermédio do Pe. Stanislaw Wróbel, ecônomo, Pe. Lucas recebeu U\$A 5.000,00, de maneira que a obra foi levada adiante.

A primeira Celebração Eucarística festiva foi realizada, na igreja em construção, no dia 26 de abril de 1992, na Festa do Cristo Ressuscitado. A mesma foi presidida pelo arcebispo D. Avelar Vilela, cardeal primaz do Brasil, concelebrada por seis padres redentoristas. Essa celebração foi iniciada com procissão, saindo da capela do ISBA, até a construção. No ambiente ainda provisório, mas já apto para as celebrações, foi continuado o culto religioso, introduzindo, passo a passo, os melhoramentos.⁷¹

O prédio ainda não tinha telhado e não havia recursos para a compra. Com a preocupação de cobrir o prédio, foi feito um pedido ao Governo da Bahia que, depois de toda a burocracia administrativa, outorgou Cr\$ 80 milhões. Isso foi possível graças ao empenho de pessoas de médio poder aquisitivo e influentes perante as autoridades estatais.⁷²

Após a construção do telhado, com o prédio de quatro pavimentos coberto, Pe. Lucas considerou que a sua tarefa tinha sido concluída e pediu a transferência para outro campo de trabalho.⁷³

9. – *Pe. Lucas Kocik escritor, historiador e colecionador. A coleção “Bom Jesus da Lapa”*

Parece que era muito o que Pe. Lucas fazia em termos da pastoral e das construções. Por tudo isso, foi sempre atarefado e digno de admiração como missionário redentorista. Ao mesmo tempo, se revelara também como escritor, historiador e colecionador de documentos.

A maior obra literária do Pe. Lucas Kocik é, como vimos, a Coleção: “Bom Jesus da Lapa”, composta de 27 volumes.

⁷⁰ *Ibid.*, 41.

⁷¹ *Ibid.*, 42.

⁷² *Ibid.*, 61.

⁷³ *Ibid.*

O segredo do Pe. Lucas de encontrar tempo para realizar tantas coisas consistia na imitação de Santo Afonso e, *não perder nem um minuto!* Isso lhe rendeu em colecionar uma grande riqueza de material histórico referente ao Santuário do Bom Jesus da Lapa e à Vice-Província da Bahia.

Em 1987, segundo o projeto do Pe. Lucas, chegou o tempo de iniciar a elaboração e edição de uma ampla coleção referente à cidade e ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. O objetivo dessa ação era reunir amplo material, em preparação ao Jubileu de 300 anos (1691-1991) do Santuário do Bom Jesus da Lapa, levando também em conta o 25º Aniversário da fundação da Diocese de Bom Jesus da Lapa (1963-1988).

Para editar o primeiro volume da Coleção, Pe. Lucas pediu licença ao bispo diocesano D. José Nicomedes Grossi que, com satisfação, abençoou o seu trabalho.⁷⁴

Volumes da Coleção:

I. Esse primeiro volume da futura coleção foi a reedição da *Resenha Histórica*, escrita em 1934, por Pe. Turíblio Vila Nova Segura, capelão do Santuário. Foi a quinta edição do livro de muito valor histórico, em que o autor, com muita habilidade, resgatou a história da origem do Santuário do Bom Jesus e os traços espirituais do fundador do mesmo, Francisco de Mendonça Mar – Pe. Francisco da Soledade (1657-1722). A edição preparada pelo Pe. Lucas foi feita no mesmo ano de 1987, com 1000 exemplares, na Gráfica Bom Jesus.⁷⁵

II. No ano seguinte, 1988, Pe. Lucas editou o segundo volume da Coleção: *Santuário do Bom Jesus da Lapa*. Foi a 6ª edição ampliada e atualizada das edições anteriores da sua autoria. Nas 170 páginas do livro, o autor trata da História, Culto e Realizações no Santuário do Bom Jesus da Lapa. Esse volume terá mais uma edição, em 2002.⁷⁶

III. No mesmo ano foi editado o terceiro volume, com o título: *Romaria do Bom Jesus da Lapa*. Pe. Lucas trata do maravi-

⁷⁴ III Crôn. da MRB, fl. 159.

⁷⁵ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 41.

⁷⁶ *Ibid.*, 49.

lhoso e muito singular movimento de peregrinos, vindos ao Santuário do Bom Jesus, de lugares muito distantes. Os mesmos são pobres, abandonados (destinatários do apostolado redentorista), mas com uma fé e uma religiosidade espetaculares. Naquela época, a maioria de peregrinos fazia a romaria viajando de caminhão “pau de arara”, com imenso sacrifício, pelas estradas de chão, esburacadas e poeirentas. O livro, por ser muito valioso, foi reeditado no ano jubilar de 1991.⁷⁷

IV. Por motivo do *Jubileu de Prata* da Diocese de Bom Jesus da Lapa, celebrado pelos diocesanos com muito entusiasmo,⁷⁸ em 1988, Pe. Lucas elaborou e fez a edição da história dos 25 anos da caminhada evangelizadora dessa diocese sertaneja.

V. O quinto volume: *Maravilhas do Santuário do Bom Jesus da Lapa* contém as poesias e os cânticos referentes ao Santuário, da autoria dos poetas e dos trovadores populares⁷⁹, que, no Santuário do Bom Jesus e entre as rochas do morro calcário, cantam a história deste lugar sagrado e os milagres do Senhor Bom Jesus, alcançados pelos peregrinos. Pe. Lucas Kocik fez questão de recolher tudo o que foi possível e colocar neste volume, preservando-os para a história.⁸⁰

VI. O sexto volume: *Cartilha do Santuário do Bom Jesus da Lapa*, de 288 páginas, foi editado por Pe. Lucas em 1986, com 1000 exemplares, para o povo peregrino do Santuário.⁸¹

VII. No sétimo volume: *Lapa – Cidade de Bom Jesus da Lapa*, editado em 1993, Pe. Lucas recolheu, nas 200 páginas, ampla documentação referente à sede do Município. Como não se pode falar da cidade da Lapa sem destacar o Santuário, encontramos também, nesse volume, um valioso material a respeito do mesmo.⁸²

VIII. O oitavo volume, com o título *Lapa – Comunidade de Bom Jesus da Lapa*, traz extenso material da autoria do sr. Antô-

⁷⁷ *Ibid.*, 59.

⁷⁸ *Ibid.*, 71.

⁷⁹ A festa de Santo Afonso (de agosto) é celebrada no auge da romaria, por isso, um dos poetas populares (Minelvino da Silva) compôs e cantou a história do “Santo que não perdeu nenhum minuto na vida”.

⁸⁰ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 81.

⁸¹ *Ibid.*, 93,

⁸² *Ibid.*, 99.

nio Barbosa, personagem influente na Lapa que, durante vários anos editava o pequeno jornal semanal “O Dez”, colhendo notícias na vida social e na rua, (às vezes, infundadas). O material, mesmo duvidoso no sentido da qualidade, expressa a situação da sociedade lapense. A maior parte desse volume apresenta valiosos aspectos da vida da população local, como a educação, saúde, a vida moral, os crimes acontecidos, etc.⁸³

IX. O nono volume, com o título: *Os construtores da sociedade cristã* tem um enfoque eclesial e é uma jóia entre os demais volumes. Apresenta personagens e congregações religiosas que contribuíram, ao longo da história de Bom Jesus da Lapa, com o crescimento religioso, educacional e social da população lapense. Graças a essas pessoas, a cidade da Lapa e sobretudo o Santuário, chegaram à atual importância, como centro da cultura, do ensino, da ação social e, econômica. Eles mesmos, com o seu trabalho dedicado, fizeram que o Santuário conseguisse chegar a ser o terceiro maior centro de peregrinações no Brasil e, importante lugar de evangelização do povo brasileiro.⁸⁴

X. No décimo volume: *Expressão de vida*, com base em vários autores, editado nas 348 páginas, em 1994, Pe. Lucas trata de diferentes aspectos da vida do Santuário, dos romeiros, das raízes de peregrinação, da dimensão de fluxo dos romeiros ao Santuário, das perspectivas do desenvolvimento da obra da evangelização realizada neste lugar sagrado.⁸⁵

XI. O décimo primeiro volume: *Avaliação Pastoral*, é o resumo da pesquisa da pastoral na Diocese e no Santuário de Bom Jesus da Lapa, realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) do Rio de Janeiro, a convite do bispo diocesano D. Francisco Batistela, CSsR (1931-2010). A pesquisa minuciosa foi realizada durante alguns anos pela equipe de especialistas do ISER, principalmente sob o aspecto social e antropológico, obedecendo as ideias de Teologia da Libertação⁸⁶, com todo o seu radicalis-

⁸³ *Ibid.*, 111.

⁸⁴ *Ibid.*, 129.

⁸⁵ *Ibid.*, 145.

⁸⁶ Para os poloneses que vieram do país dominado pelo comunismo soviético, saturados com os slogans de “libertação” que, na realidade, foi uma pérfida forma de escravidão, a mesma linguagem, usada pela Teologia da Liberta-

mo. Pe. Lucas, que teve diferente visão da Igreja, colocou, na primeira página do mesmo volume, a pergunta: *Onde está Jesus?*⁸⁷

XII. O volume décimo segundo: *O sertão das romarias* é um trabalho científico de pós-graduação de Carlos Alberto Steil, estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No seu trabalho muito amplo (374 páginas), o autor resumiu os resultados de toda a pesquisa, feita sob o aspecto antropológico, pelo ISER, na Diocese e no Santuário do Bom Jesus da Lapa.⁸⁸

XIII. O volume décimo terceiro: *O Ensino em Bom Jesus da Lapa* é uma compilação de publicações de Antônio Barbosa, diretor do Colégio Bom Jesus, referentes ao surgimento das escolas e colégios na cidade de Bom Jesus da Lapa. Pe. Lucas, preocupado em elaborar uma abrangente visão da cidade de Bom Jesus da Lapa, aproveitou essas publicações inserindo-as, em 1994, na Coleção sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa.⁸⁹

XIV. O décimo quarto volume, *Flagrantes de uma época*, é também da autoria de Antônio Barbosa, diretor do Colégio Bom Jesus. Como o mesmo título diz, foram apresentados tanto os acontecimentos importantes, como os de pouca importância. O livro de Antônio Barbosa, devido ao estilo e as insinuações muito pessoais (em que aparecem acentuadas as simpatias e antipatias do autor), perde em parte, o valor histórico. Apesar disso, Pe. Lucas considerou conveniente que essa publicação fizesse parte da Coleção sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa por contribuir, de alguma maneira, com a história da cidade e do Santuário do Bom Jesus.⁹⁰

XV. O volume décimo quinto traz também uma publicação de Antônio Barbosa com o título *Bom Jesus da Lapa antes de Mons. Turíbio, no tempo de Mons. Turíbio e depois de Mons. Turíbio*.⁹¹ Trata-se de uma publicação volumosa de mais de 500 pá-

ção, foi chocante e nem todos conseguiram superar essa aversão. Pe. Lucas foi um deles.

⁸⁷ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 155.

⁸⁸ *Ibid.*, 171.

⁸⁹ *Ibid.*, 181.

⁹⁰ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 189.

⁹¹ Mons. Turíbio Vilanova Segura (1894-1969), sacerdote espanhol de Burgos, foi capelão do Santuário nos anos de 1933-1956. Sendo inteligente,

ginas, com muito material histórico, mas, apresentado com um enfoque muito pessoal do autor. Falta nessa obra a objetividade em apresentar a história real da Cidade e do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Não obstante, Pe. Lucas achou conveniente de incluí-la na Coleção *Bom Jesus da Lapa*. No Último Volume da Coleção, Pe. Lucas coloca, em polonês, uma ampla apreciação do livro de Antônio Barbosa.⁹²

XVI. O volume décimo sexto *Lapa selvagem*, de 196 páginas, editado em 1996, é da autoria do Pe. Lucas Kocik. O autor apresenta o lado negativo e vergonhoso da vida da sociedade lapense. Como o mesmo explicou, não se tratava de “mexer no lixo fedorento do passado”, mas de evidenciar a problemática social, comunitária e pastoral da Cidade na qual atuamos como redentoristas, responsáveis pela Paróquia e pelo Santuário. O autor resume o conteúdo do volume num comentário (de 8 páginas) em polonês.⁹³

XVII. O volume décimo sétimo *Sem rumo*, também da autoria do Pe. Lucas, editado em 1997, com 248 páginas, apresenta os desafios pastorais na Igreja sujeita às ideias de Teologia da Libertação (na versão radical). Em certo sentido, o volume é uma continuação dos assuntos apresentados no volume anterior, pois apresenta a situação desafiadora para a pastoral da Paróquia e do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Estamos aqui para promover a missão evangelizadora, ajudando os fieis a se encontrarem com Jesus Cristo – Caminho, Verdade e Vida. Pe. Lucas apresenta o conteúdo do volume num comentário amplo, em polonês.⁹⁴

XVIII. O décimo oitavo volume *A Realidade*, de 346 páginas, editado em 1998, de sua autoria, é uma resposta ao conteúdo do livro do mencionado Antônio Barbosa (cf. Volume XV), apresentando o lado verdadeiro dos fatos e acontecimentos; po-

dedicado, exemplar sacerdote e pastor, realizou, na medida das possibilidades, a grande obra de evangelização dos paroquianos e dos peregrinos. Introduziu muitos melhoramentos no Santuário. Escreveu a primeira, bem documentada, publicação sobre o Santuário e o fundador Francisco de Mendonça Mar, a *Resenha Histórica* (Cf. o I volume da Coleção).

⁹² *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 197.

⁹³ *Ibid.*, 209.

⁹⁴ *Ibid.*, 227-237.

lemizando com as insinuações, mentiras e acusações injustas a respeito das pessoas que fizeram a história da Cidade e do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Trata-se, principalmente, da pessoa de D. João Batista Muniz, CSsR, o grande lutador pela promoção do povo sertanejo, o benemérito bispo diocesano de Barra-BA (à qual pertencia Lapa). Fala também de Mons. Turíbio Vilanova Segura, os Missionários Redentoristas da Vice-Província Nordeste (1956-1972) e os da Missão Redentorista da Bahia (os poloneses – a partir de 1973).⁹⁵

XIX. O volume décimo nono *Contos e encantos* de Zenilda Magalhães Andrade, de 238 páginas, editado em 1998, é muito diferente dos outros volumes da Coleção. A autora, natural de Bom Jesus da Lapa, professora, apresenta em forma pitoresca, lembranças dos costumes, tradições antigas da pequena (naquela época) cidade da Lapa e faz reflexões a respeito de tudo que vivenciou desde a sua infância. A autora escreve sobre o seu engajamento na vida social, educacional e religiosa, pois tomava parte ativa da vida pastoral do Santuário. Ao contrário de alguns outros autores da Lapa, a autora reflete a situação da época passada, com veracidade e respeito, sem atacar a ninguém. Por isso, Pe. Lucas fez questão de incluí-lo na Coleção, como uma valiosa contribuição; um enfeite que é muito oportuno.⁹⁶

XX. O volume vigésimo *Lapa 2000*, da autoria do Pe. Lucas Kocik, de 318 páginas, foi editado naquele mesmo Ano Jubilar de 2000. Trata-se de uma obra muito valiosa e objetiva, mas também de uma crítica apreciação da situação lapense. De todos os modos, o volume constitui importante contribuição do autor para a história da Cidade, da Paróquia e do Santuário de Bom Jesus da Lapa, nessa passagem dos milênios. Segundo o autor, o seu projeto era concluir a Coleção *Bom Jesus da Lapa* com este volume, pois se encontrava esgotado e com vários problemas de saúde. Pensava, seriamente, de que não iria chegar com vida ao novo milênio. Mas, Deus quis de outra maneira e Pe. Lucas se recuperou, de maneira que ainda conseguiu editar vários outros volumes.⁹⁷

⁹⁵ *Ibid.*, 241-255.

⁹⁶ *Ibid.*, 259-270.

⁹⁷ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 273-286.

XXI. O vigésimo primeiro volume: *Reminiscências*, de 107 páginas, é da autoria de Leonor Magalhães. Trata-se de outra pessoa que nasceu, viveu e participou da vida social, lúdica e religiosa em Bom Jesus da Lapa. Há também, nas páginas da publicação, ecos das famosas campanhas políticas na Cidade. Dentro deste volume estão incluídos dois outros opúsculos sobre Lapa, a saber: *Revivendo Bom Jesus da Lapa*, da autoria de Zenilde Magalhães Andrade sobre o Santuário, folclore e vida social da Cidade e *Recordações*, da autoria de Leonor Magalhães. Ambos os opúsculos trazem muitos detalhes valiosos sobre a vida social, educacional e religiosa da Cidade e do Santuário do Bom Jesus da Lapa.⁹⁸

XXII. O vigésimo segundo volume *Retalhos*, traz material colecionado pelo Pe. Lucas, em 292 páginas. A edição, feita no ano 2002, é composta de três partes. A primeira parte contém valiosos recortes dos jornais e revistas referentes ao Santuário; a segunda parte, intitulada: *Bom Jesus da Lapa na vida da família*, é o Trabalho da Conclusão do Curso de Teologia (TCC) na Universidade Católica de Salvador do Pe. Jarosław Gruzdź, CSsR, em 2002. A terceira parte: *Bom Jesus Homem e Deus*, da autoria do Pe. Marcos Piątek, CSsR⁹⁹, é um aporte valioso para a pastoral do Santuário do Bom Jesus, em termos teológicos e pastorais. O livro, de 82 páginas, foi editado em 2001.¹⁰⁰

XXIII. O vigésimo terceiro volume *Fé e devoção*. Carlos Alberto Steil, 296 páginas. Neste volume, Pe. Lucas Kocik faz uma apreciação crítica do conteúdo do livro *Sertão das romarias* do ex-sacerdote Carlos Alberto que, juntamente com a equipe (ISER), do Rio de Janeiro, fez a avaliação pastoral da Diocese e do Santuário de Bom Jesus da Lapa, no aspecto antropológico e elaborou aquela publicação (cf. Volumes XI e XII).¹⁰¹

XXIV. No vigésimo quarto volume *Curiosidades*, com 258 páginas, ano de 2004, Pe. Lucas Kocik, apresenta: 1. Depoimento do Pe. Cristiano Joosten, CSsR, da Vice-Província de Recife, referente a Bom Jesus da Lapa, nos anos sessenta do século pas-

⁹⁸ *Ibid.*, 289-293.

⁹⁹ Desde 2011, bispo diocesano de Coari-AM.

¹⁰⁰ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 301-310.

¹⁰¹ *Ibid.*, 313-330.

sado; 2. A situação atual da Cidade e do Santuário de Bom Jesus da Lapa, no aspecto do seu desenvolvimento; 3. A obra da evangelização e da administração, realizada pelos missionários redentoristas; 4. A publicação “*Vamos visitar o Bom Jesus*”, da autoria do Pe. Francisco Micek, CSsR – a Novena preparatória para os peregrinos, antes de fazerem a romaria ao Santuário do Bom Jesus, pág. 58, ano 2004.

XXV. O volume vigésimo quinto *O Monge da Gruta*,¹⁰² de autoria do Pe. Lucas Kocik, com 299 páginas, ano 2003. Trata-se de uma obra de grande valor histórico sobre o fundador do Santuário (e da Cidade) Francisco de Mendonça Mar¹⁰³. O autor recolheu toda a documentação existente sobre o homem que, respondendo à vocação divina, iniciou, em 1691, a devoção ao Bom Jesus Crucificado, na Gruta da Lapa. A Providência de Deus fez dele um instrumento eficiente, para que pudesse surgir o terceiro maior Santuário do Brasil, atualmente, com 2 milhões de peregrinos anuais. O projeto de sua beatificação, sugerida pelos redentoristas poloneses, guardiões do Santuário, com carta oficial para o bispo diocesano D. José Nicomedes Grossi, em dezembro de 1975, foi acolhida pelo pastor da Diocese com entusiasmo, quando foi criada a Comissão de sacerdotes encarregados para levar adiante esse assunto. Posteriormente, a ideia de iniciar o processo, apresentado na reunião dos agentes pastorais da Diocese foi criticada e ridicularizada pelos sacerdotes, freiras e agentes leigos, da opção da Teologia da Libertação, que consideravam isso uma expressão do “triumfalismo” da Igreja. Não obstante, Pe. Lucas Kocik, com cartas de recomendação do bispo D. José, do dia 23 de maio de 1978, fez viagem a Portugal, para pesquisar, nos Arquivos Reais, documentação referente a Francisco de Mendonça Mar. Na ocasião, visitou o célebre Santuário português do Bom Jesus do Monte e da Mãe da Soledade que, provavelmente, influenciou Francisco de Mendonça Mar para que implantasse essa mesma devoção no Santuário da Lapa. O assunto do processo não foi levado adiante devido à falta de fir-

¹⁰² *Ibid.*, 341-346.

¹⁰³ Depois da ordenação sacerdotal (em 1706) o mesmo passou usar o nome de Pe. Francisco da Soledade.

meza do pastor da Diocese perante a pressão dos agentes pastorais da outra opção e a pouca documentação quanto à pessoa e a obra evangelizadora de Francisco.¹⁰⁴

XXVI. O vigésimo sexto volume *Suplemento* com 300 páginas, ano 2005, é compilação de vários autores. Pe. Lucas, neste volume, reúne algumas pequenas publicações referentes ao Santuário da Lapa com o seu fundador, para os missionários redentoristas, responsáveis pela obra da evangelização. A segunda parte apresenta *A saúde dos romeiros* – o trabalho de mestrado da enfermeira Maria Rejane Mendonça que, durante vários anos, trabalhou no Ambulatório do Santuário, prestando os primeiros auxílios aos peregrinos.¹⁰⁵

XXVII. O vigésimo sétimo volume *Tempos esquecidos*. Com 319 páginas, ano 2006, apresenta os trabalhos de vários autores, 1ª. Parte da publicação de Alcides Gobiras Lacerda *Bom Jesus da Lapa e Moravianismo*, sobre os primeiros moradores da região, onde, posteriormente, surgiu Bom Jesus da Lapa; 2ª. Poema referente à passagem de Lampião em Bom Jesus da Lapa¹⁰⁶; 3ª. Jubileu de Ouro dos Redentoristas em Bom Jesus da Lapa (2006).¹⁰⁷

XXVIII. No vigésimo oitavo volume *Explicações para a Coleção “Bom Jesus da Lapa”*, 340 páginas, ano 2006, Pe. Lucas explica, em português e em polonês, o conteúdo da Coleção. Coloca também uma ampla introdução ao volume, cujo resumo apresentamos a seguir:¹⁰⁸

A coleção inteira foi elaborada entre 1986 e 2006, num tempo disponível muito reduzido que o autor podia arranjar dentro do intenso trabalho pastoral e administrativo no Santuário do Bom Jesus, na paróquia local e em Salvador. Pe. Lucas explica os motivos do seu engajamento nesse trabalho e apresenta o imperativo que o “empurrou” a mergulhar na história de Bom Jesus da Lapa e, de modo especial, na do Santuário do Bom Jesus.

¹⁰⁴ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 283-298.

¹⁰⁵ *Ibid.*, 305-312.

¹⁰⁶ “Lampião”, – Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), famoso cangaceiro do Nordeste do Brasil.

¹⁰⁷ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 321.

¹⁰⁸ Apresentamos versão abreviada, em português. Cf. Texto completo, em português e em polonês: L. KOCIK, *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 230.

Como o mesmo explica, começou a compor a Coleção, sem ainda dominar bem a língua portuguesa, mesmo assim se dedicou a esse trabalho que chama de ingrato, muito arriscado e nada agradável para o mesmo.

Ao chegar para Bom Jesus da Lapa, no início dos anos setenta, deparou-se com um fato chocante, de que tudo o que pudesse testemunhar de qualquer forma, a história local, ou os acontecimentos do passado, logo tinha sido destruído: os documentos desaparecidos, os livros de crônicas inexistentes. Assim, por exemplo, “desapareceu” a Crônica do Santuário, furtada por alguém na casa paroquial, da mala de D. João Batista Muniz, bispo diocesano de Barra-BA, enquanto o mesmo celebrava a Eucaristia no Santuário.¹⁰⁹ Foi a Crônica do Santuário dos vinte e seis anos (1933-1956), muito valiosa, na qual foram registrados acontecimentos relevantes, como a magnífica atuação pastoral e administrativa de Mons. Turíbio Vilanova Segura (1894-1969) e os momentos “quentes” ligados com a passagem da administração do Santuário para a responsabilidade pastoral dos Missionários Redentoristas.

Conservavam-se apenas os retalhos da história do passado. Não houve quem os guardasse; tudo ficou exposto para “o vento levar!” A ideia de resgatar a história do passado do Santuário e da Cidade de Bom Jesus da Lapa, Pe. Lucas apresentou ao reitor do Santuário, Pe. Ceslau Stanula, CSsR, mas não encontrou o apoio esperado. Pe. Lucas esperava que, com ajuda e colaboração de todos, seria possível realizar a edição de uma bem elaborada história do Santuário do Bom Jesus da Lapa, por ocasião do jubileu de 300 anos da sua existência (1691-1991).

Mesmo sem contar com a colaboração de outros confrades, Pe. Lucas recolhia todo o possível sobre o Santuário, sobre a cidade de Bom Jesus da Lapa. Pesquisou os assuntos da administração do Santuário e do Município e avaliou a atitude, comportamento e a vida da sociedade lapense. Tomou a liberdade de incluir também algumas das suas obser-

¹⁰⁹ *Ibid.*, 3. A história do desaparecimento da Crônica foi contada pelo mesmo D. João Batista Muniz, CSsR, ao Pe. Ceslau Stanula, Superior da Missão da Bahia. D. Muniz, naquela época, já bispo emérito, morava no convento dos redentoristas em Belo Horizonte.

vações pessoais, deixando emergir as próprias experiências que, na época, foram muito ricas.

Usou então a sua velha máquina de escrever, para copiar os dados sobre o assunto, e arquivar o que era possível – elaborar um volume arquivar para a posteridade.

Assim começou o trabalho, mas, devido ao farto material e vasto campo da problemática ligada com o Santuário e com a Cidade da Lapa, o número de volumes cresceu e os assuntos pareciam nunca acabar, pelo contrário, estavam crescendo e se multiplicando.

Na época, na Lapa nem se podia sonhar com um computador. A informática nem era conhecida na cidade da Lapa. Ninguém sonhava em computador. Por isso, os primeiros volumes saíram com aspecto muito precário:

Varias coisas são muito mal feitas,¹¹⁰ devido à falta de meios adequados para a edição. Outras ficaram atrapalhadas, por falta de experiência e familiarização com o idioma. Não obstante, o conteúdo está aqui, para servir a quem estiver interessado!¹¹¹

Tudo isso foi um trabalho pessoal do Pe. Lucas, começando pela busca e coleta de materiais, datilografando-os, imprimindo e, até, encadernando. O imenso trabalho foi realizado sem ajuda dos outros confrades, os quais, atarefados com múltiplos trabalhos apostólicos, nem tiveram possibilidade de colaborar. É também verdade que a maioria dos confrades nem se interessou pelo trabalho persistente que o Pe. Lucas realizava. Só estavam admirados com a sua persistência, que, suado, com o calor exaustivo de mais de 30°C no seu quarto, “não perdia nem um minuto” sem trabalhar, compondo a Coleção.

Assim a coleção toda é obra de apenas um amador; nem historiador, nem cientista. Por isso fica sem enfeites de termos científicos, sem referências minuciosas.¹¹²

Pe. Lucas estava convencido, de que um leitor simples não precisa de referências científicas, de toda a bagagem de coisas

¹¹⁰ Os textos colocados *em itálico* são expressões do mesmo autor Pe. Lucas Kocik.

¹¹¹ *Bom Jesus da Lapa*, Último volume, 6.

¹¹² *Ibid.*, 6.

desnecessárias que, na prática, lhe impedem a leitura e entendimento.

Durante a minha vida toda sempre procurei a verdade e tentei “dar testemunho da verdade”. Foi por isso que nas lembranças de minha ordenação sacerdotal, coloquei o lema da minha vida: “estou enviado para proclamar o Evangelho e dar testemunho da verdade”.

Pe. Lucas, nos seus volumes sobre o Santuário e a cidade de Bom Jesus da Lapa, procurou apresentar a realidade “nua e crua”. Quanto a isso, o mesmo se referia à verdade evangélica, proclamada e depois escrita, que os pagãos consideravam uma estupidez e os Judeus um escândalo que não deveria ter lugar nenhum na sociedade humana.

Pode acontecer o mesmo com aquilo que eu escrevi, alguns tararão isso como bobagem e outros como vergonha, pois, “assim não se deve escrever... Como pode?”

Mas o autor, percebendo, cada vez mais o desencontro com a verdade daqueles que escreveram os panfletos ou artigos nos Jornais sobre o passado do Santuário do Bom Jesus da Lapa, não conseguiu ficar calado. Então começou a recolher tudo o que ainda era possível, “pro e contra” para que um dia, pudesse aparecer a verdade.

Muitas vezes fiquei profundamente decepcionado com aquilo que fiz, principalmente com meus escritos e aquilo que registrei. Parecia-me tudo inútil e sem valor algum. Nunca tive satisfação pessoal desse meu trabalho.¹¹³

Muitas vezes, após editar um volume, descobria numerosas falhas e erros de expressão, da gramática e da regência verbal, apesar de todos os cuidados que tomava.

Isso lhe dava um desgosto e vontade de destruir e aniquilar tudo. Não viu mais sentido nesse seu trabalho e se perguntava para que registrar com clareza essas coisas? O que poderia interessar a alguém os problemas da Lapa e tudo o que se passava nos rincões perdidos nos sertões, nesses verdadeiros porões do mundo moderno? Costumava dizer que se sentia “um idiota”.

¹¹³ *Ibid.*, 8.

Mas, desde o início, experimentava um repentino impulso interior de registrar a realidade, assim como se apresentava, sem retoques. Sempre procurou ser fiel em registrar tudo aquilo que viveu nessa migalha de tempo da história. Existem várias crônicas escritas por Pe. Lucas nesse mesmo estilo; marcadas com a sua visão pessoal e crítica em registrar e avaliar os acontecimentos.

Ao concluir o trabalho da Coleção, estava bem consciente de que não conseguira encontrar e colecionar muitos artigos e discursos sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Por falta das condições e oportunidades de viajar em busca do material informativo nos arquivos e bibliotecas, fez somente o que estava ao alcance das suas possibilidades. Queixava-se de que os outros, que podiam e deviam ajudar nesse trabalho, nem se interessavam.

Esta sua coleção arquivada, sendo apenas uma compilação de materiais, juntamente com as suas próprias recordações e observações, não passa de seu arquivo pessoal, sem qualquer pretensão literária. Pe. Lucas colocou-a à disposição e ao alcance de todos que se interessarem.

Como o mesmo autor declara, nenhum direito fica reservado a ninguém. Realizou esse trabalho para o bem de todos e não o acha uma preciosidade que deve ser guardada a sete chaves. Embora seja costume dedicar uma obra a alguém, Pe. Lucas não a fez para ninguém em particular.

O destino desses livros é proporcionar material aos pesquisadores que pretenderão seriamente descobrir a verdade. Além de documentos sérios há, nesta coleção, documentos feitos com má intenção. Todos eles devem ser comparados, examinados, avaliados e ponderados, para assim apontar a verdade.

10. – *Elenco das obras literárias do Pe. Lucas Kocik*

Obras pequenas (brochuras):

1. *Novena ao Senhor Bom Jesus da Lapa* (1977)
2. *Aceitar ou rejeitar?* (sobre o aborto – 1978)
3. *Lugar Sagrado* (1978)
4. *O Herói do sertão (D. João Muniz, CSsR)* – (1978)
5. *Uma Hora com Jesus* (1978)
6. *Rezem o Terço* (1978)
7. *São Lázaro* (1983)
8. *São Roque* (1983)

Obras maiores:

1. *Po co sobie stawiac pomniki?* (“Para que levantar monumentos para si mesmos?”) – datilografado – esboço histórico dos redentoristas na Bahia (1956-1981), pág. 240.
2. *Guia para o céu – Manual do devoto do Bom Jesus*, 1982.
3. *Romeiro do Bom Jesus*, 1994, pág. 138.
4. *Tome a sua cruz* (editado em poucos exemplares – esboço histórico dos Redentoristas na Bahia, Salvador 1981, pág. 200.

Obras maiores:

A coleção de 28 volumes, editada em Bom Jesus da Lapa, pelo Pe. Lucas Kocik, para as bibliotecas e arquivos. Algumas delas são da autoria de outros escritores e editadas dentro da coleção pelo Pe. Lucas (A/c do Pe. L.K.), às vezes complementadas com os seus comentários.

- I. (A/c do Pe. L.K.) Mons. Turbilio Vilanova Segura. *Resenha Histórica de Bom Jesus da Lapa*, pág. 206.
- II. *Santuário do Bom Jesus da Lapa* (1ª edição 1978; 7ª edição em 2001), pág. 170.
- III. (A/c do Pe. L.K.) *Romaria de Bom Jesus da Lapa*, 1987, pág. 340.
- IV. *Diocese de Bom Jesus da Lapa*, 1988, pág. 330.
- V. (A/c do Pe. L.K.) *Maravilhas do Santuário do Bom Jesus*, 1987, pág. 410.
- VI. (A/c do Pe. L.K.) *Cartilha do Santuário do Bom Jesus da Lapa*, 1986, pág. 277.
- VII. (A/c do Pe. L.K.) *Lapa – Cidade do Bom Jesus*, pág. 200.
- VIII. (A/c do Pe. L.K.) *Lapa – Comunidade do Bom Jesus*, pág. 260.
- IX. *Construtores da sociedade de Bom Jesus da Lapa*, pág. 249.
- X. (A/c do Pe. L.K.) *Expressão de vida*, pág. 347.
- XI. (A/c do Pe. L.K.) *Avaliação Pastoral 1994*, vol. I, pág. 390.
(A/c do Pe. L.K.) *Avaliação Pastoral 1994*, vol. II, pág. 396.
- XII. (A/c do Pe. L.K.) *O Sertão das Romarias*, pág. 374.
- XIII. (A/c do Pe. L.K.) A. Barbosa. *O ensino em Bom Jesus da Lapa*, pág. 227.
- XIV. (A/c do Pe. L.K.) A. Barbosa. *Flagrantes de uma época*, pág. 181.
- XV. (A/c do Pe. L.K.) A. Barbosa. *Bom Jesus da Lapa antes e depois de Mons. Turbilio*, pág. 550.
- XVI. *Lapa selvagem*, 1996, pág. 285.

- XVII. *Sem Rumo*, 1997, pág. 248.
- XVIII. *A Realidade*, 1998, pág. 346.
- XIX. (A/c do Pe. L.K.) *Contos e encantos*, 1998, pág. 238.
- XX. *Lapa 2000*, 2000, pág. 318.
- XXI. (A/c do Pe. L.K.) *Reminiscências*, pág. 107.
- XXII. *Retalhos*, 2002, pág. 292.
- XXIII. (A/c do Pe. L.K.) *A fé e devoção. O sertão das romarias*, pág. 296.
- XXIV. *Curiosidades*, 2004, pág. 258.
- XXV. *O Monge da Gruta*, pág. 299.
- XXVI. (A/c do Pe. L.K.) *Suplemento*, 2005, pág. 300.
- XXVII. (A/c do Pe. L.K.) *Tempos esquecidos*, 2006, pág. 319.
- XXVIII. *Último Volume*, 2006, pág. 340.

Coleção Santa Terezinha

Pe. Lucas Kocik foi grande admirador e devoto de Santa Terezinha do Menino Jesus. Desde o tempo do seminário (1952) começou a colecionar tudo o que se referia à Santa. Como sacerdote, costumava colocar a imagem de Santa Terezinha nas igrejas e nos lugares onde trabalhava. Essa admiração e devoção ficou perpetuada na Coleção Santa Terezinha.

Em português:

- *Terezinha* (A Palavra de Deus), Bom Jesus da Lapa 2000, pág. 282.
- *A Doutorazinha* (A corrida gigante de Santa Terezinha), Bom Jesus da Lapa 2004, pág. 270.
- *A Jovem Doutora*, Bom Jesus da Lapa 2004, pág. 280.

Em polonês:

- *Nowy Doktor Miłości*, Bom Jesus da Lapa 1996, pág. 322.
- *Nowy Doktor Ludzkości*, Bom Jesus da Lapa 1997, pág. 330.
- *Nowy Doktor Trzeciego Tysiąclecia*, Bom Jesus da Lapa 1999, pág. 370.
- *Filary Karmelu*, Bom Jesus da Lapa 2000, pág. 308.
- *Nowa Doktor Kościoła*, Brazylia 2004, pág. 294.
- *Moja Teresa*, Toruń-Tuchów, 2005 pág. 325.

11. – *Material recolhido pelo Pe. Lucas Kocik (Arquivo da Vice-Província da Bahia)*

Volumes:

I. Numerosos Volumes de recortes de jornais, revistas e publicações sobre Santa Terezinha do Menino Jesus, em polonês, português, francês e inglês, para compor a coleção Santa Terezinha (de 9 volumes, somando as 2.780 páginas).

II. Quatro Volumes de recortes de jornais, revistas e publicações referentes aos Índios brasileiros. Várias revistas referentes à mesma matéria.

III. Um Volume de recortes de publicações em polonês e em português sobre os Judeus.

IV. Um Volume de recortes de publicações sobre o papa João Paulo II.

V. Quatro volumes de recortes de publicações em polonês e em português sobre variados assuntos, principalmente os de cunho religioso.

Pastas:

1. Gráfica Bom Jesus
2. Cartas para a família (polonês)
3. Cartas para a irmã (polonês)
4. Cartas diversas para os confrades (em polonês)
5. Ondina – Salvador (Construção do Centro Comunitário)
6. Apócrifos (recortes referentes aos)
7. Retiro para as religiosas
8. Reflexões espirituais (polonês)
9. Trabalho em Bom Jesus da Lapa
10. São Lázaro em Salvador
11. Pregações (esboços de homilias)
12. D. José N. Grossi (bispo de Bom Jesus da Lapa)
13. Museu (Abrigo Velho) em Bom Jesus da Lapa
14. Fotografias (de pouco valor histórico)

12. – Pe. Lucas Kocik partiu para a eternidade

*Eu sou a Ressurreição e a Vida*¹¹⁴.

No sábado, dia 8 de março de 2008, Pe. Lucas Kocik, celebrando a missa vespertina da liturgia do domingo, na capela do Colégio ISBA, em Ondina, fez a homilia meditando o Evangelho sobre a ressurreição de Lázaro, frisando as palavras que Jesus tinha dito a Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida! Quem crê em Mim, mesmo que morra, viverá!” (Jo 11,25).

No dia seguinte, 9 de março, Pe. Lucas fora designado para duas celebrações da Missa, na igreja de São Lázaro e em São Raimundo, no centro da cidade de Salvador. Não as celebrou, nem fez as homilias sobre a ressurreição, porque ele mesmo experimentou a maravilhosa veracidade das palavras de Jesus: “Quem crê em Mim, mesmo que morra, viverá!”. Na madrugada do domingo, o nosso confrade passou para a ‘Casa do Pai’, concluindo seu trabalho de evangelização e as obras que o mesmo conseguira realizar para o bem do Povo de Deus e da Congregação Redentorista. As irmãs de São Raimundo ligavam para lembrar ao Pe. Lucas da celebração e os confrades de São Lázaro se admiraram por ele não ter ido, já que o mesmo era tão responsável em seus compromissos. Tudo isso em vão. Constatou-se, posteriormente, que o sacerdote não mais apareceria às celebrações. Estava morto, na cama do seu quarto.

Não é possível resumir, em poucas palavras, os 76 anos do fiel seguimento de Cristo, sobretudo, o trabalho de um sacerdote. Só Deus sabe quanto sacrifício exigia esse seguimento, carregando a cruz de cada dia!

O enterro do Pe. Lucas Kocik aconteceu no dia 10 de março, em Bom Jesus da Lapa. A liturgia eucarística fúnebre foi realizada na Gruta de Nossa Senhora da Soledade, presidida por D. Ceslau Stanula, CSsR, bispo diocesano de Itabuna-BA, concelebrada por D. Francisco Batistela, CSsR, bispo diocesano de Bom Jesus da Lapa e cerca de trinta sacerdotes redentoristas e diocesanos.

Após a Missa e orações litúrgicas realizadas pelo Pe. Antônio Niemiec, superior Vice-Provincial da Bahia, os restos mortais

¹¹⁴ Noticiário, n° 79, 21.

do Pe. Lucas foram levados até o cemitério de Santa Luzia, em local reservado aos redentoristas e, sepultado, ao lado do Pe. Francisco Deluga, que havia falecido dois meses antes. No cortejo e sepultamento, houve participação das associações e movimentos religiosos e uma multidão de fieis lapenses.

*Homenagem das Irmãs de São Raimundo*¹¹⁵

Prezado Padre Antônio
Vice- Provincial dos Redentoristas

Com profundo pesar pelo falecimento inesperado do nosso caríssimo Padre Lucas, de santa memória, desejamos agradecer a V. Rvma. e aos Padres Redentoristas a valiosíssima colaboração espiritual que o nosso saudoso amigo proporcionou à nossa Comunidade Eucarística da Igreja de São Raimundo, ultimamente por um período mais longo; com seu testemunho sacerdotal, expresso em dedicação, acolhimento, fidelidade ao espírito missionário de sua Congregação, piedade e outras qualidades características de sua rica personalidade. Padre Lucas, na sua idade avançada, embora já atingida pelo desgaste de uma longa existência de luta e de doação missionária, foi entre nós uma presença edificante, atendendo a todos que o procuravam, sem distinção, fosse no acolhimento, confissão, orientação, direção espiritual, unção dos enfermos, bênçãos de objetos piedosos, etc., com a paciência possível.

Em 2006 pregou o retiro anual das Irmãs da Congregação, satisfazendo, com suas breves reflexões simples e alicerçadas na Bíblia, a todas as Religiosas nas suas diversas etapas de idade, deixando para o grupo uma mensagem de paz, de vida espiritual e fidelidade à Vida Religiosa Eucarística.

Interessante como os leigos, já acostumados com suas Missas às 12 horas, sendo surpreendidos com a notícia do seu falecimento repentino, profundamente o lamentaram, expressando o seu sentimento através de lembranças de uma palavrinha, uma ajuda, confissão ou até brincadeiras.

Todos nós, religiosas e leigos, sentimos esta perda brusca. Reforçando o que dissemos, um ancião com sua presença humilde, silenciosa e sem alarde, marcou tantas vidas que caminhavam ao seu lado. Descontraído e voltando, após alguns dias sem celebrar conosco, perguntou: “você ainda querem este velho aqui?”.

Padre Lucas fazia parte da paisagem da comunidade de São Raimundo. Segue para os Redentoristas uma de suas fotos, celebrando na festa do nosso Padroeiro.

¹¹⁵ *Ibid.*, nº 79, 26.

Não é demais revelar, que, no domingo, 9 deste, quando o aguardávamos para celebrar ao meio dia, esperando-o mais de uma hora, acostumados que éramos com a sua diária pontualidade, começamos a sentir no ar que algo extraordinário lhe tinha acontecido. Realmente, naquele momento o bom Padre Lucas já estava definitivamente diante de Deus na eternidade, certamente, intercedendo por nós através da Comunhão dos Santos. Costumava ele vir meia hora antes para atender às pessoas, ou para rezar preparando-se para a Celebração Eucarística.

Pedimos a Jesus Sacramentado, para o Padre Lucas, o amor e a misericórdia do Pai Eterno e a recompensa pelas suas lutas pelo Reino, ao lado de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a quem tanto amou, do seu Fundador e de Santa Terezinha, a quem fraternalmente venerava, e de todos os santos.

Esta é uma oportunidade de reiterarmos nossa gratidão pela presença e colaboração sacerdotal de todos os redentoristas que vem, nas várias oportunidades, servir à nossa Igreja da Adoração Perpétua, os quais têm, na mesma, deixado impressas entre outras, a marca comum da dignidade sacerdotal, respeito, acolhimento, alegria, jovialidade, fidelidade ao carisma de Santo Afonso de Ligório e amor a Maria Santíssima. Sempre fieis na sua entrega a Deus a serviço dos homens, para a sua glória. O Senhor os abençoe e lhes conceda a perseverança na fé e na sua vocação missionária que tanto bem faz ao mundo.

Respeitosamente, em Jesus e Maria,
Irmãs da Congregação de Nossa Senhora dos Humildes.
Salvador, 13 de março de 2008.
Ir. Elisete Ferreira dos Santos
Superiora Geral

*Em memória*¹¹⁶

O missionário que vem de fora é um estrangeiro; é um estranho como a própria palavra diz. Não pertence a esse povo, vem de outro povo e culturas diferentes. As pessoas dizem: “O senhor não é brasileiro porque fala com sotaque diferente”. Por isso, ele tem de se acostumar com o clima, alimentação e o modo de vida do povo.

O clero nativo nem sempre olha com simpatia os missionários de fora. É uma questão psicológica. A denominada inculturação não é fácil.

¹¹⁶ *Ibid.*, n° 80, 43. O artigo relembra os dois confrades falecidos em 2008: Pe. Francisco Deluga (3.01.) e Pe. Lucas Kocik (9.03.). Com licença do autor do artigo, Pe. Tadeu Pawlik, apresentamos a parte do artigo que se refere ao Pe. Lucas Kocik.

O missionólogo Louis Lusbetak SVD, no seu livro *A Igreja e as Culturas*, fala do choque cultural que sofre o missionário: “A essência do choque cultural resulta do cansaço mental e físico, da depressão. Até as plantas tiradas e plantadas em outro terreno com frequência morrem”. O nosso confrade, com certeza, sofreu esse choque que teve suas consequências.

Padre Lucas sofreu enfarte treze anos antes de morrer e era diabético. No entanto, ainda segundo o autor já citado, ele sofreria um novo choque cultural. Isso porque aquilo que deixou lá há muitos anos, não existe mais. Mudaram os confrades, mudaram os costumes. Ninguém o conheceria mais e perguntariam: “De onde você veio?”

O decreto do Concílio Vaticano II, *Ad Gentes*, 25, diz com razão que “o missionário deve ser pronto no começar, constante no completar as tarefas, perseverante nas dificuldades, suportando paciente e corajosamente a solidão, a fadiga, o trabalho sem frutos. (...). Adapte-se generosamente aos costumes estranhos dos povos e as variáveis condições”.

O nosso confrade falecido gastou a sua vida até o dia da morte repentina. O povo esperava na igreja por ele, ia celebrar a missa – banquete do Senhor, Penhor da vida eterna, mas ele já tinha ido celebrar o banquete celeste, face a face, com Jesus.

Sartre dizia que “o percorrer da vida entre a saída e o retorno é uma paixão inútil”. Santa Tereza D’Ávila dizia que “a vida é uma paixão por Deus”. Pe. Lucas Kocik, redentorista e sacerdote exemplar, representou, com toda fidelidade, essa segunda opção.

No dia do enterro do padre Lucas, uma senhora disse: “Padre, uma morte desse tipo, durante o sono, é morte de justo”. Padre Lucas teve, assim, a morte de justos porque percorreu a vida entre a saída e a volta, gastando-a para Deus em favor dos irmãos.

Pe. Tadeu Pawlik, CSsR

13. – *Museu do Santuário do Bom Jesus*

*Memorial Padre Lucas Kocik*¹¹⁷

Com a abertura do Museu do Santuário do Bom Jesus da Lapa, o nome do Pe. Lucas Kocik, CSsR, (1932-2008) ficou merecidamente perpetuado. Graças à sua inquietude histórica e uma admirável persistência, foram resgatados e conservados os objetos do valor patrimonial que fazem parte do Museu, inaugurado oficialmente, no dia 3 de agosto de 2012.

¹¹⁷ *Ibid.*, nº 95, 35.

Foi ele que, desde o início da sua atividade em Bom Jesus da Lapa, preocupou-se em preservar os objetos de valor histórico para o futuro museu do Santuário do Bom Jesus. Seguindo o exemplo de Santo Afonso – nosso fundador – Pe. Lucas Kocik “*não perdeu nenhum minuto*”, por isso, à margem dos intensos trabalhos pastorais e de outros compromissos, conseguiu contribuir para resgatar, preservar e ordenar muitos documentos referentes à história do Santuário do Bom Jesus e da Vice-Província da Bahia, editando-os, em forma de uma coleção, em vinte e sete volumes, destinados, principalmente, para as Bibliotecas e Arquivos da Congregação (em Roma, Varsóvia e na Bahia).

Elaborou e editou ainda vários livros, brochuras e fascículos de orientação catequética, pastoral e religiosa para os peregrinos, como também referentes à história do Santuário do Bom Jesus da Lapa.

Não se podem resumir, em poucas palavras, os 76 anos do fiel seguimento de Cristo, sobretudo, o trabalho de um sacerdote. Só Deus sabe quanto sacrifício exigia esse seguimento, carregando a cruz de cada dia!

Devido à falta de recursos financeiros, como vimos no presente artigo que segue, não foi possível realizar o projeto do Pe. Lucas Kocik que consistia na recuperação do centenário prédio da “Escola-Asilo” (denominado, popularmente, de “Abrigo Velho”), que seria um local ideal para o museu. Mas, pelo menos, com a estruturação do Museu, no Salão dos Romeiros (antigo cinema), centenas de objetos reunidos e preservados por Pe. Lucas, ficaram expostos para serem vistos, apreciados e admirados, tanto pelos lapenses, como pelos romeiros e turistas.

Confrades da Bahia